

À DIREITA, O FEMININO: GÊNERO E DIVERSIDADE NA PRODUÇÃO DAS ESTÉTICAS CONSERVADORAS

TO THE RIGHT, THE FEMININE: GENDER AND DIVERSITY IN THE PRODUCTION OF CONSERVATIVE AESTHETICS

Jacqueline Moraes Teixeira

Professora Doutora no Departamento de Saúde e Sociedade na Faculdade de Saúde Pública da USP. Professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB. Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisa a intersecção entre gênero, raça, sexualidade e religião. E-mail de contato: jacqueline.moraes.teixeira@usp.br.

RESUMO

A proposta da presente contribuição é compreender algumas formas de se disputar os sentidos da democracia, bem como pensar as noções de conservadorismo e direita política como imagens a partir dos enquadramentos produzidos nas campanhas coordenadas por Michelle Bolsonaro e o PL Mulheres. O objetivo é compreender como determinados sentidos da política se constituem a partir das margens. Para tanto, não é possível prescindir de uma categoria de gênero e também de um modelo de gênero, sendo impossível, conseqüentemente, prescindir de uma disputa gramatical pelo conceito de diversidade.

Palavras-chave: Mulheres conservadoras; Governo Bolsonaro; legibilidade política; diversidade.

ABSTRACT

This paper seeks to understand certain ways in which the meanings of democracy are contested, as well as to reflect on the notions of conservatism and the political right as images shaped by the framings produced in the campaigns coordinated by Michelle Bolsonaro and the PL Mulheres (Women's Liberal Party). The goal is to examine how particular meanings of politics are constituted from the margins. To do so, it is essential to engage with both a gender category and a gender model, and, consequently, to recognize the ongoing grammatical struggle over the concept of diversity.

Keywords: Conservative women; Bolsonaro government; political legibility; diversity.

É uma honra imensa poder compor este evento e estar com pessoas que eu admiro muito e que também atravessaram a minha trajetória de formas muito especiais, para, enfim, pensarmos todas essas questões relacionadas aos desafios e às resistências para refletir sobre a democracia no Brasil e construir, na verdade, a democracia como algo que esteja presente na vida das pessoas.

Com esta minha apresentação eu não vou falar de oportunidades, mas de “lasqueiras” mesmo. A ideia é pensarmos algumas formas de disputa dos significados de democracia, algumas disputas significativas do conceito de democracia, e pensando — de forma muito relacionada com o que eu venho fazendo, num processo de diálogo com uma série de outras pesquisadoras e pesquisadores que também têm feito isso — como que determinados sentidos da política se constituem a partir das margens. Então, trata-se de entender um pouco como a ponta se conecta e como esta mesma ponta compreende determinadas questões.

Isso necessariamente traz uma questão substancial, que é entendermos por que as pontas — ou margens — se identificam com uma certa concepção de conservadorismo, e que concepção de conservadorismo seria essa. É claro que isso traz outra dimensão significativa para pensarmos, e é mais ou menos isso que eu pensei em trazer para dialogarmos um pouco hoje: como nessa concepção, na construção dos significados desse pertencimento conservador, é impossível prescindir de uma categoria de gênero e de um modelo de gênero, e é impossível, conseqüentemente, prescindir também de uma disputa pelo conceito de diversidade.

Eu estou dizendo necessariamente que hoje, neste nosso contexto, não apenas brasileiro, mas latino-americano — porém claro que eu estou acompanhando o brasileiro —, estamos falando de um processo de legibilidade das agendas conservadoras que precisa, sim, disputar o significado da palavra “diversidade”. Esse significado é reforçado por alguns pertencimentos religiosos. No caso da minha pesquisa, eu venho falando de mulheres evangélicas e pensando como é que a temática da violência (como a doméstica e a de gênero) precisa ser foco do Estado.

De alguma maneira, existe uma forma de se pensar a ideia de conservador e a ideia de direita a partir de um atravessamento de gênero, e nesse atravessamento de gênero as noções de diversidade, a ideia de uma aproximação e a construção de um Estado mais presente são fundamentais para se pensar a democracia e a circulação de uma ideia específica de Estado.

Para pensar nisso, é fundamental dizer logo de cara que a ideia de conservador ou de direita para mim não seria necessariamente um conceito político fechado, então não é algo que estamos trazendo de toda a contribuição da teoria política que existe sobre esse termo, mas categorias de dominação. Eu estou dizendo que as pessoas têm construído o sentido e o pertencimento político a partir da ideia de ser de direita ou a partir da ideia de ser uma mulher conservadora. Isso não necessariamente traz dimensões para se pensar o conceito de família tradicional, para se pensar outros elementos que seriam mais comuns quando estamos pensando numa concepção de conservadorismo político, ou mesmo de agenda conservadora política.

Se conservador, conservadora e direita não seriam conceitos fechados, mas categorias de dominação, e conseqüentemente produzidas dentro de um senso prático, outra dimensão importante seria enfrentar como a categoria de família é fundamental para construir esse modelo de dominação. Nesse sentido, o primeiro exercício importante seria afastar a categoria “família” da sua concepção mais moralizadora, ou seja, a ideia de família como uma categoria moral, e, conseqüentemente, uma série de outros elementos que estariam relacionados a uma ideia específica de moralidade.

O que é interessante pensar é que a família seria quase uma categoria definidora das necessidades básicas e das redes de contato, o que significa que é muito menos o modelo ideal e muito mais uma possibilidade de estar no mundo. Conseqüentemente, fica difícil falarmos de um pânico moral. É um pânico, mas é um pânico cotidiano, é um pânico de existir; é muito mais que um pânico moral. Assim, se para quem está na margem, a família emerge como categoria de reconhecimento, aproximar-se de concepções políticas que “colocariam em risco” a existência da família é colocar em risco a própria existência. Logo, há aí uma dimensão que estaria para além do plano da moralidade, porque a família de alguma maneira é uma categoria de se existir, uma categoria elaboradora das necessidades e do contato com o mundo. Assim, esse seria um elemento importante para nós pensarmos.

Outro elemento importante está relacionado à própria dimensão de pensar a ideia de conservador de direita não necessariamente como um conteúdo fechado, mas como uma forma. A partir disso, surge então a necessidade de produzir diálogo com o referencial teórico que eu venho utilizando, que vem pensando os direitos humanos como imagem. Essa ideia de pensar os direitos humanos como imagem nos traz a necessidade de compreendermos a política como uma construção ou disputa de enquadramentos. Dizer desse modo nos permite afirmar que fazer política é pensar o tempo todo sobre qual corpo aparece, como esse corpo aparece, e como essa aparição de alguma maneira pode produzir a capacidade de identificação e de dominação. Nesse sentido, então, ao falar em conservadorismos como imagens, estaríamos falando muito mais da produção de um enquadramento do que necessariamente de um conteúdo fixo e fechado. Ser conservadora é algo que está em disputa, é uma imagem, e é uma imagem cuja estética precisa ser construída e nessa construção, comunicar a possibilidade de identificação.

Nesse processo de construção, pensar o aparecimento e um lugar específico e de um modelo específico de gênero e pensar conseqüentemente o aparecimento e um lugar específico para corpos que podem disputar a concepção de diversidade — e claro que neste caso não está inclusa a população LGBTQIAP+ —, mas vemos que nesses enquadramentos há lugar de aparição para pessoas negras, para pessoas indígenas, para pessoas com deficiência. Então é uma concepção torta de pluralidade, mas que, apesar de não incluir a população LGBTQIAP+, produz identificação que permite que uma imagem da diferença apareça ao lado de modelos específicos de branquitude.

É preciso de alguma maneira construir e fazer com que essa imagem passe por uma concepção de diversidade e se abra para elementos que não abram mão de uma branquitude, mas que permitam o que podemos chamar de uma “branquitude de contato”, ou seja, não seria a aparição de pessoas brancas muito loiras, mas pessoas com tons de pele próximos ao de Damares Alves, ou de Michelle Bolsonaro, cuja própria fisionomia, fenótipo e afins possibilitam uma identificação, uma circulação. Então estamos falando também de um modelo de conservação, de uma ideia de conservação, que traz uma imagem de uma branquitude que também regula a aparição desta branquitude. Não é qualquer branco que aparece nesse enquadramento. Isso é muito interessante para pensarmos, e está muito relacionado, consequentemente, à produção e à disputa por essa ideia de diversidade.

Muito rapidamente, explico como fui chegando a este tópico. Há algum tempo eu pesquiso questões relacionadas a gênero e religião, e políticas públicas voltadas para mulheres, especificamente mulheres evangélicas. Durante muito tempo pesquisei isso na Igreja Universal, e, à medida que eu finalizei o doutorado em 2018, fui percebendo que outras pessoas estavam entrando nesta cena. Foi assim que eu cheguei à Damares Alves. É interessante como, quando olhávamos para a Damares no início, era muito comum relacionar a imagem dela à ideia de cortina de fumaça; o quanto as coisas lúdicas que ela fazia, a disputa do azul e do rosa, levavam todos a pensarem que isso servia mais para distrair do que realmente pautava os rumos da política bolsonarista. O que é possível dizer é que eu fui percebendo, ao acompanhar a atuação da Damares nos direitos humanos durante esse período terrível do governo Bolsonaro, que a imagem dela era a última possibilidade de legibilidade do bolsonarismo, porque no chão das igrejas eram as campanhas e os conteúdos postados por ela que as pessoas iam atrás, e não nas falas diretas de Bolsonaro.

Então tem uma questão importante, que, se existe uma ideia de conservadorismo que ainda aposta numa dimensão masculinizadora do mundo, em contrapartida é um gênero e uma concepção de feminilidade que garante a legibilidade da vida conservadora atualmente, porque aí que está a possibilidade de capilaridade da agenda. Então esses corpos femininos atuam muito nesse processo capilarizador.

Como disse há pouco, eu comecei a etnografar Damares um pouco antes de ela virar ministra — eu não fazia ideia que teríamos que passar por isso —, ainda acompanhando projetos que ela desenvolvia de formação para mulheres em situação de violência; ela era uma referência nacional no meio evangélico para pensar esses projetos. Depois ela vira ministra, e eu passo a pensar os processos de disputa pela gramática dos direitos humanos. Esse percurso analítico me permitiu compreender que nos enquadramentos desse bolsonarismo mais vinculado às concepções cristãs nunca houve uma negação dos direitos humanos, mas sim a disputa pelo seu significado, pelas suas nomeações e pelos corpos que de alguma maneira tornam possível essa ideia de se pensar como sujeito de direito.

Nesse processo todo, a partir de um olhar da aliança política Damares Alves—Michelle Bolsonaro, passei então a estudar a Michelle Bolsonaro — sim, tive que fazer isso. Comecei ali no início do ano de 2022, quando a imagem da Michelle despontou como o lugar de elaboração da legibilidade e a possibilidade de reeleição de Jair Messias Bolsonaro. Então comecei a analisar as falas da Michelle, o modo como ela aparecia, as roupas, os enquadramentos, tudo isso pensando a construção dessa legibilidade.

O que passo a pesquisar em 2022 é o projeto que foi desenvolvido muito às pressas chamado “Mulheres com Jair Messias Bolsonaro”. Esse projeto foi coordenado pela Damares e pela Michelle em contexto nacional, mas passou a circular com muito mais força no Nordeste, exatamente porque o Nordeste era esse lugar em que Bolsonaro perderia — e foi isso mesmo que aconteceu. Então era importante de alguma maneira, a partir dessa intersecção de gênero, disputar o Nordeste, assim como as mulheres evangélicas nordestinas.

Vou mostrar agora algumas imagens que pesquisei:



Foto 1: Página “Mulheres com Bolsonaro”, no Instagram

A Michelle está nesta imagem de camiseta, dando a entender “estou aqui pronta pro combate”, “tô de tênis, tô de camiseta, tô de calça jeans”, “eu vou fazer o que for possível”. Esse é o momento em que o cabelo da Michelle, antes tingido de loiro por muito tempo, começa a escurecer, e isso se torna algo comum às outras mulheres que estão ali fazendo esse processo no *front*, as que eram as caras mais importantes.

Começamos a ver a participação de mulheres negras e de algumas lideranças negras de direita; algumas são evangélicas, mas a maioria é católica. As “crentes” levam a fama, mas é sempre importante pensarmos o lugar do catolicismo na disputa desse conservadorismo, e desse conservadorismo como uma estética, uma imagem capaz de produzir identificação. E é

interessante porque talvez tenhamos uma concepção de estética conservadora que não combina com isso aqui. O que vemos aqui necessariamente é um grupo de mulheres: isso aqui poderia ser uma foto de encerramento de disciplina de um curso de enfermagem, poderia ser uma foto do encerramento de um evento de igreja, ou da empresa, de uma festa da firma. Então há aí uma dimensão muito significativa nessa ideia do conservadorismo como imagem em que talvez consigamos pensar uma desontologização da própria noção de conservação. Isso estaria muito mais próximo e conseqüentemente muito mais difícil de pensarmos, exatamente porque as imagens são muito parecidas, é muito difícil apostarmos numa coisa tão estanque, tão separada.



Foto 2: Campanha - Página “Mulheres com Bolsonaro” no Instagram

Agora vemos o layout da campanha; a cada momento no Instagram o número de mulheres que assinava também estava aumentando, novas mulheres iam tirando suas selfies. É bem interessante pensarmos essa dinâmica das selfies e dos stories, e como isso vai produzindo também essa ideia de enquadramento e estética. Na selfie, dizia-se sempre: “Sou fulana, sou mulher, voto em Jair Bolsonaro porque sou conservadora”. Então essa dimensão toda estava ali presente. Foi muito difícil, e não foi possível, conseqüentemente, fazer um mapeamento das trajetórias das pessoas que gravavam esses stories, porque o Instagram é muito dinâmico. Mas é interessante pensarmos que esses vídeos vinham de vários lugares, e o quanto era incentivado que alguns elementos compusessem essas selfies e esses stories. E esse elemento é uma coisa muito do cotidiano: ninguém fez stories do pão com manteiga do Bolsonaro, mas da luta cotidiana da mulher, mesmo. Então essa sensação de estar fazendo vários “corres”, de estar se maquiando em transporte público, de estar indo fazer mercado; então, havia uma dimensão muito significativa de colocar essa dominação do plano do cotidiano, nesse plano sensível de um cotidiano que de alguma maneira ainda ensaiava esse pertencimento.



Foto 3: Nossas lideranças — Página “Mulheres com Bolsonaro” no Instagram

Essa aqui é uma liderança Waiãpi. Ela foi deputada e também muito importante para a coordenação das mulheres indígenas com Bolsonaro. Então são vários enquadramentos em que as mulheres indígenas de alguma maneira aparecem neste processo. Serve para pensarmos que essa disputa pelo conceito de diversidade segue afastando a representatividade das populações LGBTQIAP+. Não significa que esses grupos não estejam presentes, que não existam movimentos de LGBTs conservadores nesse processo, que também fizeram campanha para Bolsonaro, mas isso aparece menos — está menos dito na produção estética. Mas pessoas negras, pessoas indígenas e pessoas com deficiência sempre ocupam o centro dessa concepção de uma pluralidade que seria essencial na construção dessa política.



Foto 4: Nossa líder — Página “Mulheres com Bolsonaro” no Instagram

Nesta imagem, Michelle está feliz da vida, também porque vende produtos de beleza, de *skincare*, e é interessante então pensarmos também como isso passa por uma outra dinâmica de cuidado e quais são essas dimensões que aparecem neste enquadramento. Curiosamente, a Michelle aparece pouco como mãe. Isso é muito interessante, a maternidade não é necessariamente o centro da estética, não está necessariamente no centro do enquadramento. Ela é uma mulher que vai apresentar as executivas, as mulheres que cuidam da aparência, as mulheres que fazem um monte de coisa ao mesmo tempo. Mas as filhas não aparecem muito, então não há um investimento entre uma relação entre conservadorismo e maternidade. Há um investimento numa relação entre conservadorismo e conjugalidade, mas a maternidade não seria necessariamente um foco da produção desta imagem.



Foto 5: Boton da campanha — Página “Mulheres com Bolsonaro” no Instagram

Aqui aparece o bóton “Sou cristã e voto em Bolsonaro”.

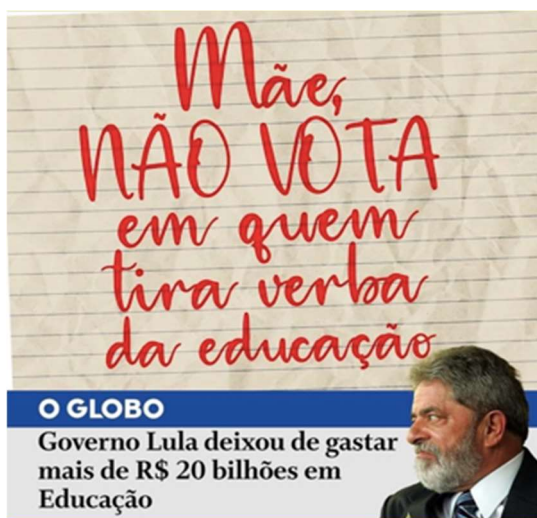


Foto 6: Nossa luta — Página “Mulheres com Bolsonaro” no Instagram

Nessa imagem aparecem as disputas pela educação e a saúde, então o quanto de alguma maneira existe como algo significativo colocar que essas lideranças femininas estão focadas nas políticas públicas de saúde e educação, e quanto isso necessariamente teria sido algo não pensado pelo governo anterior.



Foto 7: Moto-carreta — Página “Mulheres com Bolsonaro” no Instagram

Sim, havia também “motocarreta” de mulheres. Havia mulheres dirigindo caminhão, dirigindo tudo, fazendo motociata, “motocarretociata”, e isso foi feito em várias regiões do país.

Para finalizar, dentro dessa concepção de conservadorismo existe uma negação muito substancial de todas as políticas que pensam uma possibilidade de reconhecimento de direitos e igualdades raciais, mas ao mesmo tempo há uma disputa muito significativa pela humanização a partir do elemento racial. Isso vem acontecendo cada vez mais por falas específicas sobre o aborto, pensando a ideia de que pessoas que defenderiam a legalização do aborto seriam eugenistas, impedindo o nascimento de crianças negras; a questão relacionada ao aparecimento de pessoas negras nesse enquadramento e em possibilidades de liderança, e fundamentalmente o tipo de branquitude que aparece. Não é qualquer branquitude. Assim, é bem interessante pensarmos como esse processo de alguma maneira tem produzido uma racionalização do corpo e uma racialização do branco. Não que o corpo branco nunca tenha sido racializado, sabemos que sim, só não estava no enunciado; mas isso passa a aparecer no enunciado. É importante de alguma maneira demonstrar quais são as branquitudes que vão para o centro da imagem e quais são as branquitudes deslocadas para outras posições imagéticas, que precisam ficar periféricas, considerando a importância de se produzir identificação e de consequentemente produzir as possibilidades de dominação e de engajamento político.

Enfim, a ideia contida na minha apresentação é, na verdade, pensarmos o quanto isso pode nos ajudar a pensar conexões. Não falamos de pessoas realmente ali, mas de anseios dessa margem, dessa ponta, que são de alguma maneira muito bem identificados na produção dessas estéticas; enfim, então, pensar em como podemos de alguma maneira construir pedagogias de diálogo e de disputa também deste senso estético.

Referências adicionais

- AGUIÃO, Silvia. *Fazer-se no Estado: uma etnografia sobre o processo de constituição dos LGBT como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.
- BUSS, Doris. HERMAN, Didi. *Globalizing family values: The Christian right in international politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
- CARRANZA, Brenda; VITAL DA CUNHA, Christina. Conservative religious activism in the Brazilian Congress: Sexual agendas in focus. In: *Social Compass*. Vol.65. n. 4. p. 1-17, 2018.
- KECK, Margaret; SIKKINK, Kathryn. *Activists beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*. London: Cornell University Press, 1998.
- LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), v. 32, pp. 119-142, 2019.
- SILVA, Aramis Luis; NAGAMINE, Renata. (no prelo). *Coalizões como efeitos do ato de imaginar juntos e separados*.
- SILVA, Aramis Luis; NAGAMINE, Renata; BARBOSA, Olívia. (no prelo). *Direitos humanos e os trabalhos da imaginação: uma etnografia da ordenação da primeira reverenda trans da América Latina*.
- SILVA, Aramis Luis; NAGAMINE, Renata; BARBOSA, Olívia. Direitos Humanos, Religião e Comunicação Social no Brasil. *Le Monde Diplomatique*, 15 out. 2020. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/direitos-humanos-religiao-e-comunicacao-social-no-brasil/>>. Acesso: 16/06/2025.
- TEIXEIRA, Jacqueline M. Mello, F. No es humo, es fuego! Cruzada anti-género y resistencias feministas en Brasil. In VEGA, Cristina; CABEZAS, Marta (Org). *En la/La trinchera patriarcal: Neoliberalismo autoritario y nuevas derechas en Europa y las Américas*. Barcelona: E. Bellaterra/ Universitat Autònoma de Barcelona, 2021, p. 201-231.
- TEIXEIRA, Jacqueline M, Valente, G. Disputes pour les droits de l’homme au Brésil: une grammaire évangéliste dans les politiques publiques d’éducation. In: BASDEVANT-GAUDEMET; KOUSENS, David (org). *Les protestants évangéliques et la laïcité*. Paris: Ed. Université Paris Saclay, 2021, p. 58-78.
- VAGGIONE, Juan Marco. Reactive Politicization and Religious Dissidence: The Political Mutations of the Religious. *Social Theory and Practice*, v. 31, n. 2, p. 233-255, 2005.

